Anno I. Maceió, 19 de Janeiro de 1880. Num. 1

O BESOURO

PERIODICO CRITICO, NOTICIOSO E LITTERARIO

REDACÇÃO---ANONYMA

Advertencia.—Publica-se uma vez por semana, a razão de 400 rs. por mez. Folha avulsa 120 rs. Annuncios mediante ajuste. Pagamentos adiantados.

O BESOURO

19 de Janeiro de 1880.

Apresentamo-nos

Eis que ausentando-se da matta frondifera na qual tinha o seu vasto empyreo, apparece hoje pela vez primeira na arena jornalistica o *Besouro*, periodico critico, noticioso e litterario.

Com saudade deixa as suas queridas paragens, onde, logo que a bella filha de Titan esparge pelo mundo os primeiros reflexos do dia, elle juncta mente com os outros insectos, vai sugar o agreste cheiro das flôres da matta, acompanhado pelo garrulo sabiá, que, embalando-se docemente nos raminhos das arvores, faz resoar pelo mundo o seu melodioso gorgeio.

O *Besouro*, volitando meigamente desprenderá o seu eterno zumbido, que repercutindo pelos angulos d'esta boa terra, achará echo no coração d' este povo cuja tradicção é tão nova como gloriosa.

Não pretende enxovalhar a imprensa como o tem feito alguns periodicos *criticos*, que esquecendo-se de sua nobre missão, fazem da imprensa o joguete de suas paixões particulares; criticará, é verdade, porém de modo condigno.

Será solicito no cumprimento de seus deveres uma vez que os leitores, attendendo ao seu reclamo, o memosearem com o producto de suas assignaturas.

Erigirá altares á virtude, assim como combaterá o vicio em toda a sua plenitude,

Ao povo alagoano, pois, pedimos que nos dispense o seu valioso auxilio, e a imprensa brazileira a sua coadjuvação, para que impavidos possamos realisar as nossas idéas.

Assumptos uteis

I

Começa hoje a nossa trabalhosa missão—advogar os interesses da distincta classe popular, de que somos membros achegados.

Bem sabemos que a nossa penna novel e inexperiente, como o é, não póde diffundir certos assumptos com a precisa clareza; mas estamos convictos de que os leitores, sempre condescendentes, deixarão passar desapercebidos alguns erros, com que possam deparar.

Hoje vamos tractar de um importante objecto—o aceio da nossa cidade.

E' lastimavel o estado de algumas ruas d'esta nossa bella cidade. A camara municipal, á qual compete vigiar pelos interesses de seus municipes, dorme profundamente, e a nossa capital conserva-se n'um estado deploravel.

Na rua da Verdura é tão grande o matagal existente que, não só exhala um fetido desagradavel proveniente do grande esterquilinio, que alli está entulhado, mas até a noite não se póde passar por alli com receio de sermos victimas de algum animal peçonhento.

Na rua do Livramento em frente ao edificio da Escola estão principiando a fazer despejo.

Na rua da Imperatriz é tanto o esterquilinio que brevemente os transeuntes ver-se-hão obrigados a mudar de caminho, do contrario morrerão asphixiados, assim como os pobres moradores da circumvisinhança.

Confiados, pois, no zelo e dedicação da illustrissima camara municipal, rogamos-lhe que attenda a este nosso pedido, ficando certa de que, se o fizer, terá sempre elogios da imprensa moralisada.

NOTICIARIO

Previo aviso. — Todo aquelle que não poder aceitar a assignatura deste periodico pedimos que o devolva á esta typographia no prazo de 24 horas; passando desta hora será considerado assignante.

—«»—

Boas festas. — *O Besouro* comprimenta os seus lei-

tores pela feliz festa que passaram, e tambem pela entrada de um novo anno, que promette a todos grandes prosperiades.

—«»—

Uma mulher barbeiro. — Estavamos hontem muito socegadinhos, saboreando as delicias de uma bella tarde quando chegou-nos a noticia de que em certa rua estava uma mulher a fazer as barbas de um homem.

Não causa admiração quando isto é como o ditado antigo:

Quem não tem *cachorro* caça com o *gato*.

—«»—

E' de mais! Pedimos ao zeloso snr. delegado que dê a noite um passeio pelo beco do Moéda afim de ver se faz com que algumas filhas de Jerusalem moradoras alli cessem de proferir tantas obcenidades.

—«»—

Folhetim. — Chamamos a attenção dos amaveis leitores para o nosso folhetim, que com o titulo—Ernesto de tal hoje inserimos no nosso periodico.

—«»—

Larangeiras.— Inaugurou-se no dia 5 do corrente uma estação telegraphica na cidade de Larangeiras, provincia de Sergipe, havendo por esse motivo varias trocas de telegrammas entre os habitantes d'aquella localidade e os primeiros jornaes d'esta capital.

—«»—

Grave acontecimento.—Segundo lemos no *Diario de Pernambuco*, houve na côrte do imperio nos dias 1 2 e 3 do corrente, um acontecimento, que teve graves consequencias.

O povo por causa do imposto de vintem, que estava sendo cobrado nos bonds, reuniose em numero de 4000 pessoas e tentou reclamar o seu direito; mas, não o conseguio, tendo lugar um pequeno conflito entre o povo e a tropa, do qual resultou 3 mortos e varios ferimentos.

—«»—

Põe na minha sepultura
Onde eu enterrado fôr
Em cada canto uma letra;
A M O R, amor.

—«»—

Que Originalidade! O *Ypanema*, de Sorocaba, narra o seguinte facto, com bastantes visos de anedocta:

« Dizem-nos que o capitalista Antonio Mendes de Almeida, que se acha gravemente enfermo, já mandou fazer o caixão em que deve ser sepultado, temendo que o armador cobre muito caro, sendo feito depois de sua morte.

« Que originalidade! Esta só de inglez »

—«»—

Topei a morte pescando,
Pescando de *sambura*;
Quando a morte pesca peixe
Vejam que fome ha por lá

—«»—

Cobras.— Lê-se no mesmo jornal:

FOLHETIM 1

ERNESTO DE TAL

POR

MACHADO DE ASSIS

I

Aquelle moço que alli está parado na rua Nova do Conde, esquina do Campo da Acclamação, ás dez horas da noite, não é nenhum ladrão, não é siquer um philosopho. Tem um ar mysterioso, é verdade; de quando em quando leva a mão ao peito, bate uma palmada na coxa, ou atira fóra um charuto apenas encetado. Philosopho já se vê que não o era.

Ratoneiro tambem não; se algum sujeito acerta de passar pelo mesmo lado, o vulto afasta-se cauteloso, como si tivesse medo de ser conhecido.

De dez em dez minutos, sóbe a rua até o lugar em que ella faz angulo com a rua do Areal, torna á descer dez minutos depois, para de novo tornar a subir e descer, descer e subir, sem outro resultado mais que augmentar cinco por cento a colera que lhe murmura no coração.

Quem o visse fazer estas subidas e decidas, bater na perna, acender e apagar charutos, e não tivesse outra explicação, suporia plausivelmente que o homem estava doudo ou perto d'isso. Não senhor; Ernesto de tal (não estou autorisado para dizer o nome todo) anda simplesmente apaixonado por uma moça que mora naquella rua; está colerico porque ainda não conseguio receber resposta da carta que lhe mandou nessa manhã.

Convém dizer que dois dias antes tinha havido um pequeno arrufo. Ernesto quebrára o protesto de namorado que lhe fizera, de nunca mais escrever-lhe, mandando-lhe nessa manhã uma epistola de quatro laudas incendiarias, com muitos signaes admirativos e varias liberdades de pontuação. A carta foi, mas a resposta não veio.

De cada vez que o nosso namorado operava a descida ou subida da rua, parava defronte de uma casa assobradada, onde

« Em um quintal desta cidade têm-se matado algumas cobras providas de duas mamas.

Estas cobras são finas, pardacentas, tendo duas listas pretas lateraes e providas de um agúdo ferrão na extremidade da cauda. Não se tem visto uma só que fosse maior de 0,5m, e por serem muito ageis não se tem apprehendido algumas vivas.

Ultimamente tem-se notado que estas cobras, em noites chuvosas, tem um silvo igual ao de um pinto ainda novo, e seus olhos refleteem uma luz vaga e azulada como a do pirylampo. »

—«»—

Entre um burro e um frade
Ha tanta conformidade
Que ou o frade é pae do burro
Ou o burro é pae do frade.

—«»—

Tira-Dentes. — Lê-se no *Arauto* de Minas :

« Os habitantes de S. José d'El-Rei tratão de erigir naquella cidade, na praça, onde existe a casa em que se reunião os inconfidentes, um monumento que perpetue o nome do protomartyr da liberdade.

O pedestal, a columna e a estatua, serão feitos de marmore extrahido da serra de S. José.

Tira-Dentes é um nome nacional ; não pertence a este ou aquelle partido ; levar á posteridade o renome do comprovinciano que sacrificou pela liberdade da patria commum ; e pois, todos devemos concorrer para que se realise tão patriotico intento »

Transcrevendo para as nossas columnas esta importante noticia, manifestamos os nossos applausos aos habitantes de S. José d'El-Rei, e fazemos voctos para que realise-se tão patriotica idéa.

LITTERATURA

O cego e o paralytico

Traduzido do francez
por Antonio J. Alves de F.

Ajudemo-nos mutuamente e soffreremos melhor a carga de nossa desgraça ; o bem que fazemos a nossos irmãos afim de suavisarmo-lhes as dores é um alivio. Confucio o descreve : sigamos todos sua doutrina.

Para o persuadir ao povo da China elle conta o seguinte caso :

N'uma cidade da Asia viviam dous desgraçados, um paralytico e outro cego, ambos pobres, pediam ao ceu que os tirasse : porém seus clamores eram inuteis : não podiam morrer !

Nosso paralytico, deitado sobre seu leito em uma praça publica, soffria sem termo ; de dia para dia augmentavam-se suas dores.

O cego, a quem tudo podia incommodar, estava sem arrimo e nem mesmo um cão tinha para o amar e guiar.

---

se dansava ao som de um piano. Era alli que morava a dama dos seus pensamentos. Mas parava debalde ; nem ella apparecia á janella, nem a carta lhe chegava ás mãos.

Ernesto mordia os beiços para não soltar um grito de desespero e ia desafogar os seus furores na proxima esquina.

—Mas que explicação tem isto? dizia elle comsigo mesmo; porque razão não me atira ella o papel de cima da janella? Não tem que vêr ; está toda entregue á dansa, talvez ao namoro, não se lembra que eu estou aqui na rua, quando podia estar lá...

Neste ponto calou-se o namorado, e em vez de gesto de desespero que devia fazer, soltou apenas um longo e magoado suspiro. A explicação deste suspiro, inverosimil n'um homem que está rebentado de colera, é um tanto delicada para se dizer em letra redonda. Mas vá lá ; ou não se ha de contar nada, ou se ha de dizer tudo.

Ernesto dava-se em caza do Sr. Vieira, tio de Rosina, que é o nome da namorada. Lá costumava ir com frequencia, e lá mesmo é que se arrufou com ella dois dias antes deste sabbado de Outubro de 1850, em que se passa o acontecimento que estou narrando.—Ora, porque razão não figura Ernesto entre os cavalheiros que estão dansando ou tomando chá? Na vespera de tarde o Vieira, encontrando-se com Ernesto, participou-lhe que dava no dia seguinte uma pequena partida para solemnisar não sei que acontecimento da familia.

—Resolvi isto hojo de manhã, concluio elle ; convidei pouca gente, mas espero que a festa esteje brilhante. Ia mandar-lhe agora um convite ; mas creio que me dispensa ?...

Sem duvida, apressou-se á dizer Ernesto, esfregando as mãos de contente.

—Não falte !

—Não, senhor.

—Ah ! esquecia-me avisal-o de uma cousa, disse Vieira que já havia dado alguns passos, como vai o subdelegado que além disso é commendador, eu desejava que todos os meus convidados apparecessem de casaca. Sacrifique-se a casaca, sim ?

Continúa.

Certo dia succedeu que o cego, as tontas por traz de uma rua, se achou perto do paralytico e tendo ouvido seus lamentos, su'alma ficou penalisada.

— Tenho meus males, lhe disse o cego, e vós tendes os vossos: unamo-nos, meu irmão e elles serão menos rigorosos,, —Oh! disse o paralytico, ignoraes, meu irmão, que eu não dou um só passo?! Vósmesmo não tendes a faculdade de ver: de que servirá unirmos a nossa miseria?

— De que? respondeu o cego, escutae:

— Nós possuimos o bem necessario a cada um; eu tenho pernas e vós tendes olhos. Eu vos levo e vós me guiaes; vossos olhos dirigirão meus passos mal encaminhados; minhas pernas por sua vez irão onde quizerdes.

— Assim, sem que nossa amisade jamaes se acabe, cada um de nós preencherá o mais util emprego; eu caminharei por vós e vós vereis por mim.

RECREIO

O que diz o Besouro:

....que a immoralidade do *bêco do Moeda* já fede a esturro.

—

....que diversas familias moradoras no dito *bêco* estão a mudar-se d'alli por causa da immoralidade, que é de mais.

—

....que a policia passa pelo mesmo *bêco* constantemente e não dá a menor importancia..

—

....que o escandalo da rua da Allegria não cessa nem que o diabo berre no inferno....

—

....que os rapazes da rua do Assogue não desprezam a bebedeira diariamente...

—

....que é safadeza de um homem deixar-se fazer de sua cara *toalha*....

—

....que o Mercado publico desta cidade está sendo *hospital*...

—

....que o *Guarany* quer tirar o pe do lôdo.....

—

....que o vapor *Pilarense* está indo muito mal com as suas viagens vagarosas...

—

....que é tão grande o ajunctamento de *moleques* pelas esquinas que empata o transito das familias....

—

....que uma Pastora mestra está sendo elogiada....

—

....que um estudante cego comprou um pence-nêz de solla..

—

....que o Caixeiro que tira de seu patrão tem agora de se haver com o *Besouro*...

—

....que o *Besouro* quer dizer tudo, mas não póde por ora....

—

ANEDOCTAS

Um cego, na cidade do Pilar, passava pela porta de uma padaria onde estava sobre a calçada um grande *entulho de lenha*.

—O cego tropessou e levantando-se disse as seguintes palavras:

—Alta com os mil diabos, só *cego*.

—o—

Um devoto dirigindo-se á uma igreja da mesma cidade para alli fazer suas orações, encontrou-se com um cego e uma moça, (sua noiva):

—Então amigo, vai cazar-se?

—Sem duvida.

—E porque motivo cazase o senhor?!

— Porque acho a moça bonita, respondeu cego.

ANNUNCIOS

Chegaram de novo as seguintes fazendas,

Chapeos de sol de seda para snr.ª a 2 800.

Chapeos de sol de seda para homens a 5500.

Toalhas de linho a 500.

Lã preta para luto a 4,400 reis o covado.

Challes de casemira a 4,000.

Challes de lã a 1500 e 2000.

Challes de merinó preto a 2000.

Challes pretos para luto a 1000rs.

Escocia a 4000 rs. a peça ou 500 rs. a vara.

Transparente fino a 4000 rs. a peça ou a 500 rs. vara.

Estopinha para forro a 240.

Madrasto francez a 220 e 240.

Chapeos aboleados para meninos a 3,500.

Cobertas brancas de algodão a 1200.

Cortes de casemira a 4000.

Cortes de uma fazenda escura emitando casemira a 2000.

Lenços brancos embainhados 3 por 500 rs.

E os desejados cortes de casemira a 3,500.

AU BON MARCHÉ

Nova loja de Fazendas

62-- Rua do Commercio --62

Em frente ao bêco do Moeda

Typ. — Rua do Commercio. — 1880